

## **5. HUKA-HUKA E DERRUBA O TOCO: LUTAS INDÍGENAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

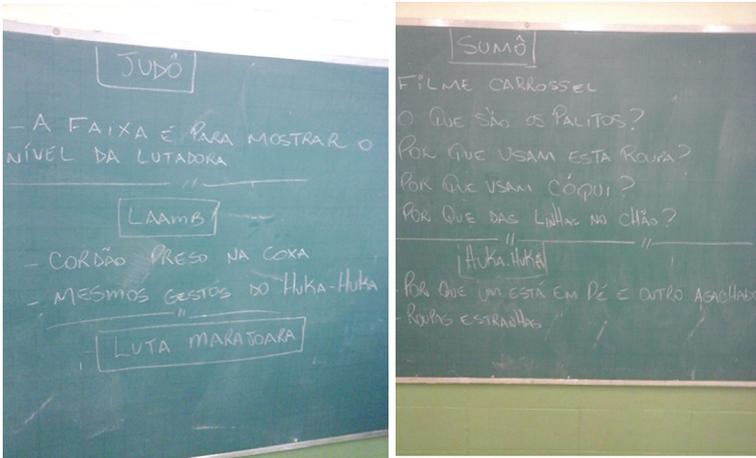
*Everton Arruda Irias*

O trabalho em questão ocorreu no segundo semestre de 2017, na Emef Raimundo Correia (escola da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo), com as turmas de 2<sup>os</sup> e 5<sup>os</sup> anos, durante as aulas como professor de módulo. Neste município, professores sem turmas atribuídas cumprem sua jornada de trabalho na escola na situação de módulo, entrando nas salas de aula na ausência dos professores regentes.

Retomando as aulas após o recesso de julho, estabelecemos uma conversa com os alunos e as alunas buscando relembrar as manifestações corporais estudadas até o dado momento. Vale considerar aqui que já era meu sétimo ano na escola, e eu já havia ministrado aulas para todas as turmas do período nos anos anteriores, e também saliento a proximidade com o professor de Educação Física regente das turmas do período, que compartilhava as ações didáticas e as tematizações com cada turma, em momentos de reuniões. Enfim, diante de tudo isso, e do diálogo estabelecido com as crianças, percebemos que as lutas foram temas que pouco haviam estudado, comparados às outras manifestações da cultura corporal, no caso das crianças dos 5<sup>os</sup> anos, e já em relação as crianças dos 2<sup>os</sup> anos, não haviam abordado tal tema no ano anterior e nem quando estavam na Educação Infantil.

Diante disso, na aula posterior, fizemos o levantamento, com as turmas de 5<sup>o</sup> Ano, das lutas estudadas pelas crianças até o momento, e com as crianças de 2<sup>o</sup> ano, mapeamos as lutas que possuíam contato fora do ambiente escolar. Após fazermos uma relação destas lutas, coletivamente as categorizamos, de acordo com o tipo de ação

motora: lutas de desequilíbrio, lutas de contusão (ou de acertar, como denominamos) e lutas de imobilização. Feita a categorização, pudemos observar que, no caso dos 5<sup>os</sup> anos, as lutas estudadas se encaixavam nas categorias de imobilização e contusão e que ainda não haviam estudado uma luta de desequilíbrio. Já no caso dos 2<sup>os</sup> anos, as lutas de desequilíbrio pouco apareciam dentro do universo experiencial das crianças. Sendo assim, na aula seguinte, seis imagens foram apresentadas para as crianças, mostrando a ocorrência social de diferentes lutas de desequilíbrio: judô, luta marajoara, luta greco-romana, sumô, huka-huka, laamb. As crianças expuseram então suas representações e suas significações acerca daquilo que observavam. Apresentaram muitas falas relacionadas ao sumô, assim como algumas dúvidas, isso pelo fato de terem observado a luta na novela *Carrossel*. Entretanto, ao observarem índios realizando uma luta, no caso o huka-huka, falas do tipo “*de onde são estes índios?*”, “*índios lutam para ficar forte para depois caçar*”, “*índios existem?*”, “*por que usam estas roupas?*”, “*por que estão pintados?*”, acabaram por surgir, e me despertaram a atenção. Vale salientar que as crianças não tinham ideia do objetivo desta luta indígena, e nem mesmo da forma de organização, se compararmos com os conhecimentos que possuíam com relação ao sumô, no entanto, as falas proferidas, e o fato de conhecerem e reconhecerem com maior amplitude uma luta originada em outro continente em detrimento de uma luta brasileira, trouxe à tona a importância de tematizarmos o huka-huka. Aliás, este meu último questionamento foi conteúdo de discussão com as crianças das turmas, após a leitura das imagens.



Fonte: Acervo do autor.

Iniciando a tematização da luta indígena huka-huka (luta realizada pela etnia Kamaruíá, e por algumas outras etnias indígenas), fizemos a leitura de dois vídeos<sup>20</sup>, mostrando a ocorrência social dela. Além disso, lemos um texto<sup>21</sup>, de forma coletiva, explicando algumas das características da luta: objetivo, contexto de prática, organização da luta, alguns rituais, etc. Estas atividades desencadearam novas perguntas e falas por parte dos(as) alunos(as): “*por que se chama huka-huka?*”; “*por que eles se pintam?*”; “*mulher também luta?*”; “*índios comem o quê?*”; “*eles não comem as mesmas coisas que os seres humanos né?*”; “*eles não se machucam na luta?*”; “*por que eles andam pelados?*” (aliás, observar índios com pouca vestimenta nos vídeos causou burburinhos e risadas entre as crianças), dentre outras falas. Algumas destas falas foram debatidas no momento e outras foram registradas pensando em ações futuras.

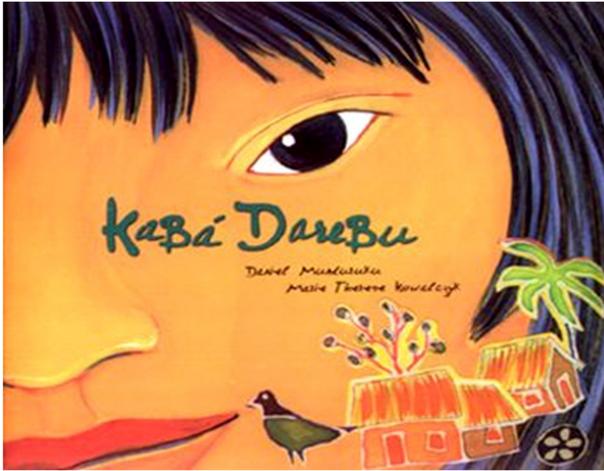
Mediante a leitura do texto e dos vídeos, coletivamente, organizamos a forma como ocorreria a vivência da luta. Pensando nas características do ambiente, do grupo e nos materiais presen-

20. Disponível em: <<http://bit.ly/2OUbBPi>> e <<http://bit.ly/2OibwId>>. Acesso em: 02 set. 2018.

21. Disponível em: <<http://bit.ly/2N5S8JO>>. Acesso em: 02 set. 2018.

tes na escola, as crianças sugeriram a utilização de tatames, tendo em vista que a luta, socialmente, ocorre em um chão de terra batida. As crianças realizaram a vivência da luta durante algumas aulas. Durante estas aulas conversávamos sobre as impressões e as sensações advindas das vivências, e propúnhamos modificações na estrutura da luta, de acordo com os problemas e as situações levantadas, como, por exemplo, o aumento da quantidade de tatames, visto que as crianças estavam caindo fora deles. Além disso, buscando novos textos e vídeos que explicassem mais claramente a organização da luta, percebemos divergências de informações, e novas regras foram adotadas: inicialmente pensávamos que era necessário derrubar o adversário de costas no chão, depois descobrimos que qualquer queda era válida; inicialmente, as crianças se separavam durante o combate e depois recomeçavam o mesmo, entretanto, descobrimos que toda separação na luta resultava em empate. Diante destes novos conteúdos acessados, a vivência das crianças sofria modificações e ressignificações.

Em algumas turmas, fizemos a leitura do livro infantil *Kaba Darebu*, escrito por Daniel Munduruku, um índio da etnia Mundurukú. O livro descreve várias características do povo indígena, a partir dos olhos de um menino indígena (Kaba Darebu, personagem do livro). O que é uma aldeia, quais os principais alimentos dos índios, quais são suas brincadeiras, por que se pintam, por que andavam nus e por que deixaram de andar nus, etc. Estes eram alguns dos conteúdos expressos no livro. Todavia, conversamos sobre as diferenças culturais e sociais entre cada aldeia indígena, e que tais características descritas no livro não poderiam explicar os povos indígenas como um todo, tendo em vista as particularidades culturais de cada povo.



Fonte: Acervo do autor.

Buscando aprofundar e ampliar os conhecimentos, fizemos a leitura de uma reportagem<sup>22</sup> em que dois jornalistas foram enviados ao Xingu, para acompanhar o Kuarup (ritual de homenagem aos mortos) e a realização do huka-huka. Dada a condição dos jornalistas, o texto trazia mais detalhes sobre a ocorrência da luta e sobre toda a organização que antecedia esta manifestação corporal. Conteúdos como: a preparação do lutador durante a madrugada; a escolha dos lutadores; a estrutura dos combates; duração da luta; sensações dos lutadores durante e após o combate, apareceram no texto. No entanto, ao lermos e dialogarmos sobre a preparação do lutador de huka-huka nos meses que antecediavam a luta, certo grau de estranhamento foi nitidamente percebido no rosto de alguns alunos. O processo de preparação descrito envolvia cortes no corpo com dentes afiados de peixe-cachorra, ardi-dos unguentos nas feridas, e chás para harmonização espiritual. A mutilação do corpo chamou a atenção das crianças, que fizeram questionamentos e comentários como: “*para que fazer tudo isso?*”; “*acho que não precisa se machucar apenas para virar um lutador*”.

22. Disponível em: <<http://bit.ly/2DBjvMs>>. Acesso em: 20 set. 2018.

Perante esta reação, e estas falas, numa aula posterior fizemos a leitura de algumas imagens mostrando “técnicas” de mutilação (ou automutilação) que ocorre em treinamentos de outras lutas, mais acessadas pelos alunos: a chamada “orelha de couve-flor” dos(as) lutadores(as) de Jiu-Jitsu; o “calejamento” nas pernas e abdomens de lutadores(as) de muay thai; a retirada do osso do nariz de lutadores(as) de boxe. A leitura das imagens permitiu-nos conversar sobre esta ação corriqueira da automutilação em diferentes lutas, e que tal fato não se restringia apenas ao ritual de uma etnia indígena.

Vale salientar aqui que, em meio a todo este processo de aprofundamento e ampliação dos saberes, as vivências da luta continuavam ocorrendo, assim como as modificações propostas pelas turmas.

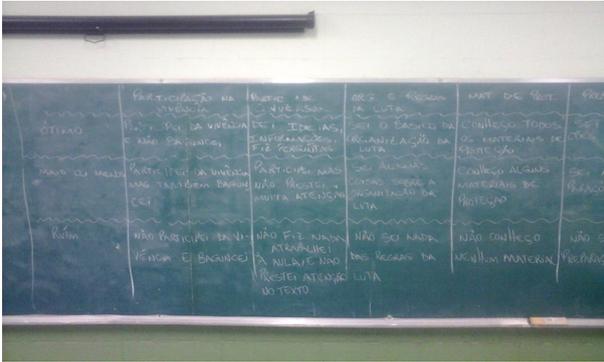
Dialogamos também sobre a participação feminina na luta, e fizemos a leitura de um vídeo<sup>23</sup> mostrando a ocorrência social de uma luta feminina. Entretanto, a partir de algumas leituras, percebemos que a luta feminina ocorria apenas em aldeias.

A partir da leitura de imagens e de outro texto, dialogamos sobre o Kuarup, levantando algumas das características deste ritual indígena que ocorre na região do Xingu.

Para finalizarmos o trabalho, elaboramos, coletivamente, uma rubrica de autoavaliação, que foi preenchida pelas crianças, a fim de refletirmos sobre as ações e os conteúdos envolvidos no processo de estudo do huka-huka.

---

23. Disponível em: <<http://bit.ly/2DBDOtg>>. Acesso em: 20 set. 2018.



Fonte: Acervo do autor.

Considerando que já nos encaminhávamos para o último bimestre do ano letivo, e que ainda permaneciam várias dúvidas das crianças com relação à cultura indígena, resolvemos continuar tematizando uma luta indígena, dando início então ao “Derruba o Toco”, realizada pela etnia Pataxó.

A escassez de materiais que pudessem mostrar a ocorrência de luta fez com que encontrássemos apenas um vídeo,<sup>24</sup> que foi lido juntamente com as crianças, a fim de identificarmos algumas das características da luta. Além disso, fizemos a leitura de um breve texto,<sup>25</sup> que também descrevia algumas das características da manifestação corporal em questão. A título de informação, “Derruba o Toco” é uma luta que ocorre após a cerimônia de casamento Pataxó, em que o noivo é desafiado pelos três melhores guerreiros da aldeia, selecionados pelo pajé.

Compreendida a estrutura e as regras da luta, e reorganizada a sua forma de ocorrência (exemplo: o toco de madeira foi substituído por uma bola, a fim de nos precavermos de qualquer acidente), as crianças vivenciaram a luta durante algumas aulas. Os problemas e as impressões das crianças levaram-nos a conversas e a ressignificações na forma e estrutura da luta, visando às futuras vivências. Por

24. Disponível em: <<http://bit.ly/2OTkMj9>>. Acesso em: 20 set. 2018.

25. Disponível em: <<http://bit.ly/2xSKOeX>>. Acesso em: 20 set. 2018.

exemplo, devido à longa duração das lutas, as crianças sugeriram a determinação de um tempo de duração.



Fonte: Acervo do autor.

Intercalado às vivências da luta, fizemos a leitura de um texto<sup>26</sup> explicando a cerimônia de casamento na etnia Pataxó até o momento em que a luta acontece. Duas inquietações surgiram por parte dos(as) alunos(as). A primeira delas era sobre o que ocorreria caso o noivo perdesse a luta. Infelizmente, as pesquisas em textos e vídeos não me permitiram encontrar uma resposta para esta pergunta. A segunda inquietação dizia respeito ao tipo de relacionamento afetivo entre indígenas: após lermos no texto que o noivo deveria carregar uma pedra com peso equivalente ao peso da noiva, um dos alunos indagou: “*mas e se ele casar com outro noivo?*”. No momento respondi que não sabia se existiam casamentos homoafetivos entre indígenas. Após me debruçar em algumas pesquisas, e conversar com outras pessoas que estudam o assunto, acessei conteúdos que, ao certo, não explicavam uma totalidade, mas que davam a entender

26. Disponível em: <<http://bit.ly/2zAtuxz>>. Acesso em: 02 set. 2018.

que relações homoafetivas eram comuns dentro de alguns povos indígenas, no entanto, nenhum dado foi encontrado que confirmasse ou negasse a existência de casamentos indígenas homoafetivos, e esta foi a fala junto aos alunos e às alunas.

Elaboramos um pequeno quadro comparando as lutas estudadas: grupo étnico praticante, momento de ocorrência e local de prática.

Já encerrando o ano letivo, uma surpresa bastante agradável permitiu ampliarmos um pouco mais nossos olhares. Visitando o evento “Revelando São Paulo”, promovido pelo Governo do Estado, e que traz à cidade alguns e algumas representantes de parte do patrimônio cultural de diferentes cidades do interior de São Paulo, assim como de outras etnias, de maneira desprentensiva me deparei com um índio da etnia Pataxó. Aproveitando o momento e a disponibilidade do Raion Pataxó, consegui entrevistá-lo, mesmo despreparado (sem ter pensado anteriormente em possíveis questões). Raion explicou um pouco da luta “Derruba o Toco”, e explicou também outras lutas que seu povo realizava. Detalhou as vestimentas utilizadas durante a luta, como faziam para se proteger e não se machucar quando eram derrubados no chão, explicou o que ocorria caso o noivo perdesse a luta, e se na sua aldeia havia casamentos homoafetivos. A imprevisibilidade da entrevista fez com que eu me esquecesse de perguntas importantes que com certeza nos trariam ótimas informações, como, por exemplo, a participação feminina nesta luta.

O vídeo da entrevista foi mostrado para algumas salas, já que não foi possível adentrar todas as turmas que estavam na tematização da luta antes de findar o ano letivo.